

ATRAVESSANDO FRONTEIRAS: EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS COMO ASSISTENTES DE DOCENTES POSSIBILITANDO A APROXIMAÇÃO DE CULTURAS E REALIDADES DISTINTAS

Alexandrina Oliveira Rebelo

Acadêmica do 7º período do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas.
E-mail: aor.ped20@uea.edu.br

Maria Júlia Rocha do Nascimento

Acadêmica do 7º período do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas.
E-mail: mjrn.ped16@uea.edu.br

Victória Silva de Almeida

Acadêmica do 6º período do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal do Amazonas.
E-mail: victoria63215@gmail.com

Lucilene Pacheco Santos

Formadora e pesquisadora do Lepete/UEA/CNPq.
Coordenadora Pedagógica do PAD.
Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério/DDPM/Semed/Manaus.
E-mail: lucilene.santos@semed.manaus.am.gov.br

Maria Quitéria Afonso Menezes

Vice-líder de Pesquisa do Lepete/UEA/CNPq.
Coordenadora do Projeto Assistência à Docência/PAD.
Professora Assistente da Escola Normal Superior-UEA.
E-mail: maria.quiteria@semed.manaus.am.gov.br

RESUMO: O projeto Assistência à Docência, além de proporcionar aos graduandos em licenciaturas os primeiros contatos com a sala de aula, propicia, na mesma medida, a possibilidade dos assistentes à docência (ADs) tomarem conhecimento de culturas e realidades diferentes das suas, de modo a expandirem não apenas as suas fronteiras profissionais, mas também as pessoais, ao (re)conhecerem as vivências de alunos da rede básica de ensino do município de Manaus. Neste sentido, tem-se no presente artigo o relato de duas experiências vivenciadas em duas escolas municipais de Manaus, na Escola Municipal Indígena Kanata T-Ykua e no Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos Prof. Samuel Isaac Benchimol, as quais possibilitaram o conhecimento empírico do fazer docente e o alargamento de horizontes que se restringiam, até então, aos caminhos pessoais percorridos por três graduandas em licenciatura.

Palavras-chave: Assistência à docência. Educação. Cultura. Outras realidades.

ABSTRACT: The Teaching Assistance project, in addition to providing undergraduate students with the first contact with the classroom, provides, in the same measure, the possibility of teaching assistants (ADs) to become aware of cultures and realities different from their own, of in order to expand not only their

professional boundaries, but also their personal ones, by knowing the experiences of students from the basic education system in the city of Manaus. In this sense, this article presents the report of two experiences in two municipal schools in Manaus, the Kanata T-Ykua Indigenous Municipal School and the Prof. Samuel Isaac Benchimol Municipal Center for Youth and Adult Education, which enabled the empirical knowledge of teaching practice and the broadening of horizons that were restricted, until then, to the personal paths taken by three undergraduate students.

Keywords: Teaching assistance. Education. Culture. Other realities.

INTRODUÇÃO

Este relato conta com três integrantes, todas graduandas em licenciatura, sendo duas em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e uma em Letras - Língua e Literatura Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Assim sendo, organizamos a escrita deste texto de maneira a apresentar, primeiramente, a trajetória individual de cada uma até chegarmos ao projeto Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (LEPETE) e atuarmos como assistentes à docência (ADs) no projeto Assistência à Docência. Ressaltamos, de imediato, que apenas duas de nós tiveram de fato a oportunidade de ir às escolas participantes do projeto por motivos que foram explicitados na primeira seção deste relato, na qual falamos de nossas trajetórias, porém, todas uniram forças e habilidades para juntas darem vida a esta narrativa que agora tens em mãos e lês.

Dando continuidade, apresentamos o objetivo deste relato a partir dos dados referentes às escolas nas quais atuamos como AD e os respectivos relatos das experiências vivenciadas em cada uma, as quais, inclusive, possibilitaram que expandíssemos nossas perspectivas profissionais e pessoais ao entrarmos em contato com culturas e realidades diferentes das nossas. Ademais, não pudemos deixar de comentar como se deu o processo de preparação no Lepete para a nossa ida às escolas, bem como para a elaboração desta escrita, e sobre como os ensinamentos nele obtidos, aliados aos conhecimentos oriundos de nossas respectivas graduações, contribuíram para a conduzirmos e fundamentarmos nossa experiência como assistentes à docência.

NOSSAS TRAJETÓRIAS: O PERCURSO ATÉ CHEGARMOS AO PROJETO ASSISTÊNCIA À DOCÊNCIA

Alexandrina Oliveira

Dando início à apresentação de nossas trajetórias, apresento-me, primeiramente. Me chamo Alexandrina, tenho 24 anos e minha jornada até chegar ao LEPETE começa quando eu era criança e gostava muito de ler HQ. Isso

foi me levando até outros livros de difícil compreensão como a Bíblia, depois outros livros encantadores de fantasia e ficção e esse apego à leitura que eu desenvolvi desde os 3 anos de idade me levaram a trilhar o caminho da educação. Além da minha motivação intrínseca, ainda contei com minha motivação extrínseca, que é o meu pai, que trabalha na área da educação há quase 20 anos e sempre me incentivou a iniciar uma carreira de educadora.

Terminei o ensino médio em 2013 e fui fazer outras coisas, viver outras experiências em outros lugares e somente em 2019 decidi que precisava fazer uma faculdade, mas ela tinha que ser condecorada com meu esforço, então era meu sonho entrar onde meus amigos já estavam: uma universidade pública. Foi a partir desse momento que iniciei minhas horas de estudo após o meu trabalho de 12h no distrito industrial, estudos esses que me levaram até as portas da Escola Normal Superior. Foi incrível saber que o meu nome estava na primeira chamada, pois abri o resultado sem nenhuma confiança e hoje estou aqui realizando um sonho.

Do momento em que eu soube do resultado, a minha preocupação maior na minha vida era saber como eu iria conciliar meu trabalho e os estudos já que minha rotina era exaustiva e ficava naquela ansiedade que me rodeava. O tempo foi passando e eu sonhando em comprar meus materiais para fazer *lettermake* nas matérias, recebo, de repente, uma notícia que vai mudar toda minha vida: eu estava grávida. Isso mesmo, grávida! Nesse momento eu só pensava no que eu tinha feito e em como isso atrapalharia todo o início da minha carreira já que eu nunca tinha pensado em ser mãe na minha vida. Dali em diante, foram dias de muita tristeza, depressão, crises de ansiedade e preocupação com todas as coisas que eu pensava que aconteceriam.

Quando iniciaram as aulas, já tinha abstraído algumas coisas e resolvi ir para a universidade. A primeira aula era de Psicologia e a professora perguntou para a turma “O que vocês estão sentindo no momento?”, quando chegou minha vez respondi “Tristeza” e expliquei que era porque iria ser mãe e não tinha em mente como lidaria com tantas coisas naquele momento. Ressalto, ainda, a eclosão de um acontecimento que eu não imaginava: a pandemia que se espalhou pelo mundo em 2020, a qual, atualmente, continua a assolar a vida de milhões de pessoas. Nesse ínterim, infelizmente tivemos que deixar de nos reunir presencialmente nas aulas e passamos a nos reunir remotamente apenas para assisti-las.

Nesse período tão difícil e conturbado da vida do acadêmico, é muito difícil conseguir conciliar dentro de casa os estudos e a rotina. Situação que se tornou cada vez mais caótica para mim, pois as aulas retornaram remotamente no mês em que minha filha nasceu, de modo que tudo o que foi um sonho idealizado por mim, parecia mais um pesadelo. Foi muito difícil atravessar o primeiro período, que é para ser o mais leve, de resguardo e com uma pandemia lá fora ceifando vidas.

No final do primeiro período consegui alcançar todas as notas, o que me deixou motivada para seguir em frente. O que eu achava que seria a coisa mais

difícil do mundo, consegui atravessar e hoje aquilo que parecia um obstáculo lá atrás, é carinhosamente o meu objeto de estudo, a pessoa que eu mais amo na vida: a minha filha. Com todas essas motivações eu tive sempre em mente que meu lugar era na educação. Recordo que quando era adolescente, eu era aquela aluna que escrevia no quadro, que carregava as coisas da professora, então dentro de mim ecoava quem eu queria ser. Quando vi um post da Maria Julia indo para a Kanata pensei: “Ah é isso o que eu quero pra mim!” e em algumas conversas com ela, fui comunicada que havia algumas oportunidades no LEPETE e que eu me encaixaria muito bem, pelas minhas histórias, meus sentimentos e minhas lutas. Daí aprimorei mais o meu currículo me voltando para a Neuropedagogia e as Dificuldades da Aprendizagem, uma vez que entender essas áreas faz com que o professor compreenda melhor os seus alunos. Hoje eu estou aqui de coração aberto para aprender, com autonomia, competência e criando vínculos para que o resultado dessa experiência seja recompensador.

Victória Silva

Dando sequência às trajetórias pessoais e acadêmicas, meu nome é Victória Silva de Almeida, tenho vinte e três anos de idade e estou no sexto período do curso de Letras - Língua e Literatura Portuguesa. Desde criança tinha muita afeição pela disciplina, gostava bastante de escrever e de ler, fruto do incentivo que recebia de minha mãe, que tinha tanto gosto pela escrita e escrevia de modo excepcional, como também de minha avó, que era uma assídua leitora.

Em função do grande apoio e incentivo que tive nos estudos, em sua grande parte, dessas duas figuras, acabava tendo facilidade e, conseqüentemente, gosto pela maioria das disciplinas escolares, embora inclinasse mais para as humanas, de modo que no meu terceiro ano do ensino médio fiquei indecisa entre os cursos de Jornalismo (por ser movida pela vontade de mudar o mundo e ver nele a possibilidade de aliar meu amor pela leitura, pela escrita e por história) e, como segunda e terceira opção, licenciatura em Matemática ou Física. Sim, extremos completos. Mas então, como fui parar em licenciatura em Letras?

Agora vem a parte da qual durante muito tempo me envergonhei e julguei-me, mas hoje, aceito como parte do meu processo de descoberta. Era, e acredito que ainda seja, uma pessoa muito impulsiva o que acabou fazendo com que, ao não alcançar a nota de corte para Jornalismo pelo Sisu e não sabendo que havia lista de espera no Processo Seletivo Contínuo (PSC), optasse utilizar minha nota no Exame nacional do Ensino Médio (Enem) para cursar Letras - Língua e Literatura Espanhola na UFAM a fim de me aprimorar no conhecimento de outra língua enquanto esperava a prova do Extramacro, ofertada dentro da universidade, e assim migrar para o curso de Jornalismo. Contudo, no ano em que entrei para Língua Espanhola não iria ter esse processo seletivo dentro na universidade, de maneira que, não tendo amor de fato pelo curso no qual tinha me inscrito, resolvi trancá-lo e começar, novamente, a ser uma vestibulanda e tentar conseguir uma vaga na graduação que eu queria.

Aquele foi um ano bastante difícil, pois, comecei a trabalhar para poder pagar um preparatório de vestibular, haja vista que minha mãe não tinha condições de arcar com essa despesa, mas isso só foi possível graças ao apoio dela que acreditou em mim e não me deixou desistir nas inúmeras vezes em que fui tomada pelo cansaço, pelas dúvidas e pelo medo de não conseguir. Ao longo desse percurso, minha paixão pela língua portuguesa foi crescendo na medida em que via que podia conciliar meu gosto por leitura, escrita e história nessa profissão e ainda transformar a vida dos meus alunos do mesmo modo que muitos dos meus professores transformaram a minha ao acreditarem no meu potencial.

Assim, naquele ano de superação, consegui passar para Letras - Língua e Literatura Portuguesa em todos os vestibulares que prestei, escolhendo, por fim, a Universidade Federal do Amazonas e, o melhor, ganhando o olhar de orgulho da minha mãe que, mesmo quando eu não acreditava mais em mim, em nenhum momento desacreditou da minha capacidade, foi por ela.

Desde que entrei para o curso, busco me dedicar bastante aos estudos relacionados a ele, de modo a amar cada nova descoberta e, conseqüentemente, o caminho escolhido, apesar das dificuldades. Já fiz parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), concluí um projeto que submeti no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) na área da Literatura e, atualmente, faço parte do programa Residência Pedagógica, além de fazer parte da atual gestão do Centro Estudantil e Cultural de Letras do Amazonas (CECLA) da UFAM.

No final de 2020 fiz o processo seletivo para estagiário em Letras – Língua e Literatura Portuguesa, nível superior, oferecido pela Secretaria Municipal de Administração (SEMAD), fui aprovada e em agosto de 2021 fui convocada para atuar na Secretaria Municipal de Educação (SEMED). Após a realização de todos os processos de contratação, fui direcionada para o LEPETE onde fiquei sabendo sobre a existência do programa e de toda a sua abrangência, que até então não tinha conhecimento, e conforme as coordenadoras que me acolheram no primeiro dia foram explanando sobre o projeto Assistência à Docência, ofertado pelo LEPETE, no qual participaria, fui ficando empolgada pelo leque de experiências que a minha participação no projeto agregaria a minha vida profissional e pessoal, posto que atuaria em escolas variadas e com variados alunos sob uma perspectiva inclusiva e emancipadora o que vai ao encontro dos meus ideais de fazer docente.

Em função de meu encaminhamento para o projeto ter se dado em outubro de 2021, ou seja, próximo ao fim do ano e em tempos de precaução contra a Covid-19, o que implicou na adoção de medidas que evitassem aglomerações nas escolas, não pude entrar de fato em ação prática com as atividades previstas nas escolas que o projeto Assistência à Docência abrange, contudo, sigo no processo de formação dos AD e cheia de expectativa para o momento em que poderei atuar nas escolas juntamente aos alunos.

Infelizmente, começo desse ano, 2021, minha mãe faleceu por Covid-19 e minha vida acabou desestabilizando em vários aspectos, inclusive no que diz respeito à minha permanência na graduação, dado que pensei em abandoná-la

em muitos momentos, mas, graças ao apoio de familiares, amigos, professores e, com toda certeza, de minha mãe, estou conseguindo caminhar e pretendo continuar seguindo o caminho que tanto sonhamos juntas. Vou prosseguir por ela e para ela, como sempre, “Porque ninguém vai dormir nossos sonhos” (RABELLO; MEDEIROS, 1982).

Maria Júlia Rocha

Para concluir a apresentação de nossas trajetórias, apresento-me agora. Meu nome é Maria Júlia Rocha Do Nascimento, tenho vinte e três anos e estou no sétimo período do curso de licenciatura em Pedagogia. No ano de 2014 concluí o ensino médio e, do mesmo modo que minha turma, estava me preparando para a última etapa dos vestibulares PSC e Sistema de Ingresso Seriado (SIS), extremamente empolgada, certa dos cursos de minha escolha e de que nada poderia mudar os meus planos. No mês de dezembro todos estavam animados com a formatura, com os resultados das provas e ansiosos com o que estava por vir, porém, algo aconteceu comigo e mudou a rota que eu havia planejado.

Descobri que estava grávida de três meses e tudo mudou, confesso que fiquei desanimada com a notícia e acabei não conseguindo levar em diante a vida acadêmica que estava prestes a começar, optei por viver a maternidade até que me sentisse segura em fazer o vestibular novamente. Vale salientar que passei em ambos os vestibulares que prestei, para Pedagogia na UEA e em Jornalismo na UFAM. Passado esse período inicial da vida materna, dei-me a oportunidade de prestar vestibular outra vez e no ano de 2016 ingressei na UEA pela segunda chamada. Lembro-me perfeitamente do dia em que descobri e da alegria que senti ao ver meu nome na lista. Ter a oportunidade de voltar aos estudos pós-maternidade, com o apoio da família e de uma grande professora que hoje é minha amiga, a qual me mostrou que ter me tornado mãe antes da idade planejada não deveria se tornar um obstáculo para ir em busca dos meus sonhos, certamente é um privilégio.

Particpei de projetos sociais, atividades da igreja e tudo que envolvia crianças, pois sempre me identifiquei, e cursar Pedagogia me trouxe a plena certeza que essa é a minha missão na terra, que eu nasci para isso, para ensinar e aprender. Sempre tive ciência da realidade do educador, logo, a teoria ser diferente da prática não foi algo que me surpreendeu nem mesmo me desanimou. A busca pela minha melhor versão como educadora dentro da universidade me faz acreditar que eu sozinha não posso mudar o mundo, mas posso contribuir para que essa mudança aconteça.

Quanto à minha chegada ao LEPETE, confesso que foi demorada, pois tive algumas dificuldades no decorrer do curso que me impediam de participar de qualquer projeto. No entanto, acompanhava meus amigos que participavam do PIBID, do LEPETE e da Residência Pedagógica, encontrando-me, por vezes, ansiosa por também querer essa experiência na minha vida, até que finalmente surgiu a oportunidade para fazer parte do projeto Assistência à Docência.

Não sei explicar ao certo o que senti na minha primeira visita à escola. Estar ali diante de alguns alunos, deixados sob minha responsabilidade, não como uma simples auxiliar, eu era a professora da sala. Neste dia, estava acompanhada de uma colega com mais vivência e ela prontamente me passou todas as orientações, tive o choque inicial, pois nunca tinha entrado em uma sala de aula da rede pública e, ainda assim, o êxtase pelo momento vivido foi inevitável, mas nada se compara a minha primeira visita à escola Kanata T-Ykua.

A EXPERIÊNCIA NAS ESCOLAS: APROXIMANDO CULTURAS E REALIDADES

A escola municipal indígena Kanata T-Ykua é localizada na comunidade Três Unidos, Rio Cuieiras, S/N- Ribeirinha, Manaus/Amazonas, à margem esquerda do Rio Negro e seu nome é de origem Kambeba que significa “luz do saber”. Atualmente, vivem na comunidade cento e dez indígenas do povo Kambeba que chegaram por volta de 1991 com a família do Sr. Valdemir Silva e a Sra. Diamantina Cruz.

Quanto à sala, despertou-nos a atenção a organização da professora Raynete Silva, e a mesclagem entre o nosso alfabeto e algumas palavras da cultura Kambeba, tais como: Katu xisi (bom dia), Katu eruka (boa tarde), Xitu manitu (muito obrigado), Mamixi (menina), Yapã (vamos), Muimuia (cobra), Uka (casa), Muipiruata (arco-íris), Kanata T-ykua (luz do saber).

A identificação das mesas era feita pelo nome indígena das crianças, deixando transparecer a real intenção naquele momento, que era a de que as crianças aprendessem o modo de vida do seu povo e o funcionamento de sua língua. A estrutura da escola foi bem projetada, salas amplas e arejadas naturalmente, sentimos a falta de ventilação como ar-condicionado ou ventilador, por esse motivo as salas eram mantidas sempre com janelas e portas abertas, a lousa limpa e mesas e cadeiras bem conservadas.

Na Educação Infantil, cuja turma era ministrada pela professora Raynete Silva, o total de alunos era de doze, mas sempre encontrávamos cerca de seis a oito crianças. A princípio, todos ficaram muito tímidos com a nossa presença, mas aos poucos foram se mostrando muito receptivos e logo fomos nos familiarizando com eles, ganhando a confiança de alguns e assim podendo conversar assuntos pessoais como por exemplo sobre suas famílias (soubemos, inclusive, que a moça da cozinha era tia e avó de duas crianças que lá estavam), enquanto outros cantaram suas músicas e tocaram alguns instrumentos que tinham na sala.

A partir de nossa segunda ida à escola Kanata, que ocorreu no dia vinte e seis de agosto de dois mil e vinte e um, optamos por levar atividades com a proposta de explorar a interação, organização social, noção de espaço, tempo e quantidade, artes, cores e meio ambiente. No dia trinta de setembro, nossa última visita ao KANATA, decidimos explorar a área externa da escola, então, pedimos aos seis alunos que estavam presentes no dia escolhessem uma cor de giz de cera

de sua preferência e, logo após, levamos eles para uma atividade ao ar livre, convidando-os a buscar folhas, flores, galhos, sementes e pedras, ou qualquer outra coisa que tivessem a cor do giz escolhido, levando-os, em seguida, para a realização de uma apreciação na sala de aula.

Ao retornarmos para a sala de aula, exploramos o campo em torno da escola. No caminho, visitamos a casa de alguns alunos e conseguimos recolher uma quantidade considerável de material. Chegando à sala, organizamos as cadeiras de modo que ganhássemos mais espaço, colocamos uma música em som ambiente, separamos no chão todo material recolhido e explicamos a atividade proposta a eles que consistia, basicamente, em fazer uso daquele material como uma espécie de “pincel”. Com o auxílio de papel A4 e tinta de cores variadas, eles confeccionaram verdadeiras obras de artes ao escolher um objeto, passar o mesmo na tinta desejada e logo em seguida na folha. Os objetos utilizados para a realização desta atividade foram denominados de “carimbos naturais”, de modo que tivemos folhas coloridas, sementes e até frutos usados como tintas naturais, seguindo o que afirma Vygotsky (1984)

Pela repetição daquilo que já conhecem, utilizam a ativação da memória, atualizam seus conhecimentos prévios, ampliando-os e transformando-os por meio da criação de uma situação imaginária (p. 97).

Um dos alunos, inclusive, pôs em prática um pouco dos seus conhecimentos em grafismo indígena e explicou-nos o significado da pintura feita. No fim, todo esse material foi registrado por meio de fotos e vídeos e recolhido para serem expostos no LEPETE. Através da experiência na escola Kanata T-Ykua, observamos que é possível que essa relação de diálogo e interação entre os sujeitos da sala torne-os mais próximos uns dos outros, inclusive de nós, e que esses estímulos proporcionem um melhor desenvolvimento nas crianças com base na arte.

Já no que diz respeito à experiência vivenciada no Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos (CEMEJA) Prof. Samuel Isaac Benchimol, registramos, primeiramente, que este fica localizado na Rua Edmundo Soares, bairro do São José, Zona Leste da cidade, em frente ao Shopping Grande Circular. Logo na entrada da escola tem um banner informativo sobre o Prof. Benchimol, que teve uma carreira acadêmica esplêndida, publicando mais de cem artigos e livros sobre o desenvolvimento da Amazônia, sendo homenageado, inclusive, pela ESAT (Escola de Artes e Turismo) da UEA, visto que esta leva o seu nome, assim como a Faculdade de Direito da UFAM. Registramos, ainda, que as salas de aula do CEMEJA são limpas, amplas, bem arejadas e iluminadas. Até foi motivo de surpresa a lousa ser de vidro, o que facilita bastante a vida do docente.

Na 5ª fase E do CEMEJA, turma na qual tivemos a experiência a ser relatada neste espaço, havia apenas dois alunos em sala de aula. Era um dia chuvoso e como estamos na fase final do ano é comum a evasão escolar quando falamos de

educação para jovens e adultos. Uma aluna tinha 24 anos e o outro 30 anos, ambos com uma rotina exaustiva de trabalho e desafios. Para esses alunos, vale reafirmar a Teoria da Autodeterminação que, segundo Deci e Ryan (apud LOURENÇO; DE PAIVA, 2010, p. 136), “[...] implica na necessidade de autonomia, competência e estabelecimento de vínculos afetivos o que torna ainda mais motivador a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos, não importando a idade que foram inseridos no contexto escolar”.

Ressaltamos que nos dias da assistência à docência no CEMEJA, os professores titulares participam da pós-graduação Gestão de Projetos e Formação Docente no auditório do prédio e nós, os assistentes à docência, conduzimos as aulas que se iniciam às 19h. Assim, na quinta-feira dia 21 de outubro, participamos com a AD cursista* Odelice Alves, no terceiro e quarto tempo de aula para dois alunos da 5ª fase E.

Ao chegarmos à escola e desfrutarmos da merenda, antes de entrarmos para a tão sonhada primeira experiência em sala de aula, a Professora Kleocélia Alencar deixou conosco o texto “*Primeiro palhaço negro conquistou de dramaturgo a presidente*” e a nossa missão em sala de aula era ler e mediar a interpretação do texto com alunos.

Era uma quinta-feira chuvosa, as salas estavam frias e limpas e os alunos estavam de casaco, então aproveitamos para nos conhecer primeiro. Ao ouvir um dos alunos que se chamava Victor, identificamos que ele não era daqui do Brasil, o mesmo disse que tinha vindo da Venezuela há seis anos e brincamos com ele dizendo que ele já conhecia bem as palavras, ao passo que demos abertura para ele fazer qualquer pergunta para tirar dúvida sobre algum significado que ele desconhecesse, facilitando, assim, a compreensão da nossa língua. Segundo BRUNER (apud BOCK, 2008, p. 136) “[...] o ensino envolve a organização da matéria de maneira eficiente e significativa para o aprendiz. Assim o professor não deve apenas se ater à extensão da matéria, mas principalmente, com sua estrutura”.

Na primeira parte da estrutura da matéria, Bruner (1986) apud Bock (2008) propõe que:

Os especialistas nas disciplinas auxiliam a estruturar o conteúdo de ensino a partir dos conceitos mais gerais e essenciais da matéria, e, a partir daí, desenvolvem-no como um espiral - sempre dos conceitos mais gerais para os mais particulares, aumentando gradativamente a complexidade das informações (p. 136).

Posto isso, solicitamos que realizassem uma leitura silenciosa para, então, fazermos uma leitura compartilhada. Conforme Solé (2014, p. 23), “[...] sempre deve existir um objetivo para guiar a leitura, em outras palavras, sempre lemos para algo, para alcançar alguma finalidade”. Essa aquisição da leitura é indispensável para agir com autonomia em sociedades letradas. Partindo desse pressuposto, e tendo em mente que aprender a ler e escrever são objetivos

prioritários, incentivando a autonomia de cada aluno, dividimos os parágrafos e cada um leu o seu em voz alta, dando atenção especial ao Victor, separamos o parágrafo mais curto para ele.

Mesmo lendo apenas um parágrafo curto, foi muito interessante observar que o aluno demonstrou seu conhecimento de mundo, posto que reconheceu no texto uma referência a Shakespeare, uma vez que o protagonista do texto em questão encenou no picadeiro uma peça do referido escritor. Esta foi uma situação bastante gratificante, pois ter algo em comum com uma pessoa de outro país nos torna mais acolhedores e foi muito bom sentir no aluno a gratidão dele em poder dividir um conhecimento seu, o qual pode, inclusive, agregar conhecimento à colega da sala que não conhecia Shakespeare.

Após a leitura compartilhada, pedimos para que eles nos falassem se tinham alguma pergunta em relação ao texto e eles disseram que tinham dúvidas quanto ao significado das palavras: *precursores*, *biografia*, *ênfase*, *explicação* e *avaliação*. Explicamos no quadro as suas significações e assim que finalizados os esclarecimentos acerca das acepções, os alunos responderam as questões de interpretação do texto e o Victor se saiu muito bem nesta atividade, sendo, inclusive, o único que acertou a questão em que se perguntava o porquê do protagonista do texto ter fugido de casa para o circo, ao afirmar que a fuga fora uma finalidade para a vida do personagem, uma vez que, de acordo com as palavras de Victor, “*era a realização de um sonho*”.

Quando terminamos a correção, ainda sobrou um tempo e começamos a conversar com os alunos que falaram suas dificuldades e o Victor pode falar mais um pouco sobre si e contou-nos que logo que chegou aqui conseguiu um emprego como pintor e fazia manutenção predial. O chefe dele disse que iria assinar a carteira de trabalho e mesmo depois de dois anos trabalhando lá, foi despedido e nunca ninguém assinou sua carteira, conforme fora prometido. Com isso, ele decidiu que deveria concluir seus estudos para conseguir um emprego melhor, o que mostra seu nível de comprometimento com a vontade de mudar sua realidade, pois “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (FREIRE, 2000, p. 67).

Apesar de todas as adversidades do cotidiano, que incluem a falta de moradia e o desemprego que, infelizmente, ainda fazem parte da vivência de muitos sul-americanos que tentam ganhar a vida em países vizinhos, Victor possui a coragem e a garra para enfrentar uma rotina noturna, aprender uma nova língua e terminar os seus estudos. Dado o exposto, podemos entender com um olhar ainda mais pedagógico, a partir deste aluno que tanto nos chamou atenção, os desafios que ele e os demais alunos enfrentam para estarem sentados ali todos as noites, das 19h às 21h30, esperando por quem pode ajudá-los a mudarem de vida, e muitas das vezes a ajuda, o apoio e incentivo vem dos(as) professores e professoras.

O PROCESSO DE FORMAÇÃO PARA A IDA ÀS ESCOLAS E OS REGISTROS DAS EXPERIÊNCIAS

O LEPETE segue um cronograma que designa a cada dia da semana uma função para que possamos nos organizar: às segundas-feiras nos reunimos com a finalidade de compartilharmos nossos relatos e experiências na semana anterior em cada escola. As professoras passam suas orientações baseadas naquilo que foi observado nos dias de visitas e fazemos uma troca pontuando cada detalhe que precisa ser acertado.

Nos três dias seguintes (terça, quarta e quinta-feira), vamos às escolas seguindo aquilo que nos foi orientado na reunião de segunda-feira. Essas visitas se dão a cada uma ou duas vezes por semana, dependendo da demanda. Nunca nos ocorreu a necessidade de irmos nos três dias, mas pode acontecer quando precisamos substituir algum assistente à docência que, por algum motivo, não pode ir naquele dia.

Por fim, às sextas-feiras os AD são liberados para a produção dos relatórios dos dias ou do dia que foram à escola, nos quais acrescentam com mais detalhes aquilo que foi anotado e observado na sua visita semanal. Em relação ao nosso transporte até as escolas, o mesmo é feito de forma totalmente segura pelos motoristas da UEA que utilizam as vans da instituição para nos levar as nossas respectivas escolas ou até a Marina do Jungle, caso a escola seja ribeirinha. Neste caso, temos que fazer a travessia do Rio Negro, que é conduzida pela Polícia Ambiental com a qual o LEPETE tem uma parceria.

Neste íterim, após a finalização das atividades presenciais nas escolas, tivemos encontros, de modo remoto em sala virtual, para apresentarmos o andamento da nossa produção escrita às coordenadoras do projeto e recebermos delas o *feedback* acerca do que já fora produzido, além das devidas orientações para darmos continuidade ao relato. Fizemos isso de maneira virtual através do Google Meet e de forma presencial com a Professora Jediã Lima na Sala do LEPETE. Em um desses encontros, fomos comunicadas de que podíamos citar o nome dos alunos do CEMEJA para que, assim, escrevêssemos um trabalho sem estereótipos, humanizando o aluno ao não nos referirmos a ele como uma estatística.

Contamos, também, com um encontro formativo, realizado dia 22 de outubro de 2021, com a professora Jeiviane Justiniano que nos deu informações e direcionamentos sobre como deveríamos pensar e construir a escrita de nossas experiências como assistentes à docência. No dia 26 de novembro, uma sexta-feira que, por sinal, foi muito chuvosa, tivemos a realização de um evento em comemoração ao décimo ano do LEPETE, o qual foi intitulado *Diálogos Pertinentes: Caminhos, Caminhadas e Artesanias Emancipatórias*. A participação neste evento foi essencial para a nossa formação enquanto futuras docentes, pois, pela parte da manhã foram abordadas temáticas como a complexidade, a transdisciplinaridade e a ética do cuidado por meio do discurso da Professora

Alexandrina Ossuna que relatou os pormenores e os desafios vivenciados na educação pública.

Estes não se resumem somente aos desafios na dimensão pessoal e profissional, mas, também, à realidade escolar quanto aos seus aspectos físicos onde para as crianças continuarem buscando o saber ao estudar em uma escola situada na zona Leste, tem-se apenas um corredor, sem quadra, sem refeitório, com salas pequenas e mal refrigeradas, com uma biblioteca improvisada e muito quente. Uma escola sem qualquer assistência básica, o que não deveria ser uma exigência, visto que educação de qualidade é um direito.

A partir desses encontros, nós, as três AD que compõem a escrita deste relato, trocamos ideias sobre a composição da produção dessa escrita e reunimo-nos, diariamente, por meio de um documento compartilhado via online, para compartilhar e escrever as experiências que integram o presente relato.

O ENCONTRO DE SABERES: PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE E A INTERAÇÃO COM OS ALUNOS

Como mencionado na seção em que registramos nossas experiências em sala de aula, a princípio, todos os alunos de Educação Infantil se mostraram tímidos com a nossa presença, sendo este um dos motivos de terem escolhido uma equipe fixa para as visitas ao Kanata e o interesse desses AD em educação indígena. Em relação às atividades, após a explicação e de deixarmos claro para os alunos que eles estariam livres para explorarem os seus lados artísticos, todos se sentiram à vontade, fazendo interação entre si e conosco, que também participamos da atividade e usamos alguns exemplos para ajudá-los na composição dos seus desenhos, de modo que durante a elaboração de seus desenhos eles foram revelando suas intenções e interpretações sobre eles. “A criança, desde que nasce, está rodeada por diversas linguagens verbais e não verbais, entre outras, a oral, escrita, gráfica, tátil, auditiva, olfativa, gustativa, motora, e pelos órgãos dos sentidos” (MARTINS, 1998, p. 37).

Faz-se necessário que o professor organize um trabalho consistente, através de atividades como: ver, ouvir, mover, sentir, perceber, pensar, descobrir, fazer, expressar, etc., a partir dos elementos da natureza e da cultura, analisando-os e transformando-os. Vale ressaltar que, no fim, todos ajudaram na limpeza do local e na organização da sala deixando da mesma forma que estava quando chegamos ao local.

Utilizamos como fundamento-base para nossa atuação a metodologia de Paulo Freire que consiste em uma maneira de educar, conectada ao cotidiano dos alunos, às experiências que eles têm. Em dado momento, através de uma breve conversa com a professora Raynete Silva, foi-nos relatado: “A *SEMED* oferece conteúdos totalmente diferentes da nossa realidade da cultura indígena. Para nós, educação de qualidade começa na realidade da criança, nos nossos conhecimentos e no que é vivenciado”. Essa fala nos deixou bastante emocionadas pelo entendimento sobre o distanciamento entre o real e o concreto quanto às questões curriculares

organizadas da Secretaria Municipal de Educação, pois, essa falta de material específico afeta diretamente o processo educacional dos alunos.

Não acompanhamos a mesma ao lecionar, porém, através de observações nota-se que esse período pandêmico atrasou o processo de ensino-aprendizagem, sendo nítido, em determinados momentos, a dificuldade de alguns ao falar letras ou números, dificuldade essa que a professora reporta que não existia anteriormente, pois todos já sabiam. No que diz respeito à transdisciplinaridade na escola Kanata T-Ykua, esta fez-se notória em nossa proposta de atividade de artes ao explorarmos os sentidos sensoriais dos alunos, levando-os a observar o espaço no qual se encontravam e fazer disso campo de conhecimento.

Enxergando utilidade para coisas consideradas descartáveis, trabalhando a criatividade, respeitando as obras feitas pelos amigos classe com um olhar crítico e de que todos nós temos capacidade de reinventar a maneira de ver o mundo atrelando a outros conhecimentos humanos. Desse modo,

A educação dialógica parte da compreensão que os alunos têm de suas experiências diárias [...], minha insistência de começar a partir de sua descrição sobre suas experiências da vida diária baseia-se na possibilidade de se começar a partir do concreto, do senso comum, para chegar a uma compreensão rigorosa da realidade (FREIRE, 2008, p. 131).

O encontro de saberes se fez fundamental para a construção deste trabalho tendo em vista que a transdisciplinaridade é complementar à abordagem disciplinar, é o que está disposto na Carta da Transdisciplinaridade escrita por Nicolescu; Morin e Freitas, (1994):

Ela faz emergir novos dados a partir da confrontação das disciplinas que os articulam entre si, oferecendo-nos uma nova visão da Natureza e da Realidade. A transdisciplinaridade não procura o domínio de várias disciplinas, mas a abertura de todas as disciplinas ao que as une e as ultrapassa (p. 2).

Em nossa experiência no CEMEJA, a transdisciplinaridade ficou evidente quando fizemos a leitura compartilhada e com a ajuda do conhecimento literário identificamos Shakespeare no texto. Continuamos nas ondas transdisciplinares quando fizemos, junto aos alunos, a interpretação do texto. Além disso, nessa mesma escola, acontece a pós-graduação para os professores e foi muito bom saber que os alunos egressos da UEA dão continuidade aos seus estudos com os autores/sujeitos docentes/estudantes que também realizam a pós-graduação dentro da escola.

No que diz respeito à conexão entre as licenciaturas de diversas áreas, o ápice é alcançado quando juntas começamos a redigir o trabalho, trocando ideias de como proceder com a escrita, com a organização do relato e com a criação de

um título que englobasse as experiências vivenciadas nas duas escolas em que atuamos, momento esse que soou uníssono e teve a aprovação de todas as componentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observar e compreender a aproximação e o diálogo entre distintas culturas e realidades foi o que norteou a composição de nosso trabalho, fazendo-se primordial tanto para a nossa formação docente quanto para o nosso desenvolvimento pessoal, pois ampliou nossos horizontes. Levando em consideração esses aspectos, não podemos deixar de comentar que todas as orientações que nos foram dadas, bem como o acompanhamento e auxílio que tivemos das coordenadoras do projeto, tornaram-se essenciais para alcançarmos os resultados aqui apresentados. Destacamos, ainda, que a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade foram as principais ferramentas com as quais trabalhamos, visto que se fizeram presentes ao longo das atividades que desenvolvemos com os alunos.

Pontuamos também que, para a nossa experiência profissional, foi essencial a vivência com os alunos para ampliarmos mais o nosso olhar multidisciplinar e multicultural, visto que estes transcendem quaisquer barreiras, sejam elas linguísticas, culturais ou sociais. Por fim, ressaltamos que ao concluirmos as ideias que unificam esse trabalho compreendemos que a educação necessita de profissionais que humanizem o aluno ao levar para a sala de aula uma educação que dignifica, emancipa e liberta.

REFERÊNCIAS

BOCK, Ana Mercês; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de; TRASSI, Lourdes. **Psicologias**: uma introdução ao estudo da psicologia. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

FREITAS, Lima; MORIN, Edgar; NICOLESCU, Basarab. **Carta da Transdisciplinaridade**. Convento de Arrábida, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

LOURENÇO, Abílio Afonso. PAIVA, Maria Olímpia Almeida de. **A motivação escolar e o processo de aprendizagem**. Porto, 2010.

MARTINS, Miriam. Celeste. **Didática do ensino de artes** – a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

NÓBREGA, Henrique. **A teoria da hierarquia das necessidades de Maslow e o processo de ensino aprendizagem.** Administradores.com. 2014. Disponível em: <https://administradores.com.br/artigos/a-teoria-da-hierarquia-das-necessidades-de-maslow-e-o-processo-de-ensino-aprendizagem>. Acesso em: 20 nov. 2021.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura.** 6. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

VIGOTSKY, Levy. Semionovitch. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

ANEXOS

Figura 1- Conversas com as crianças sobre AS CORES



Fonte: Arquivo do LEPETE, 2021.

Figura 2 - Giz de Cera - escolha uma COR



Fonte: Arquivo do LEPETE, 2021.

Figura 3 - Buscando cores - Carimbos da Natureza



Fonte: Arquivo do LEPETE, 2021.

Figura 4- Assistência à Docência a estudante do CEMEJA - Samuel Benchimol



Fonte: Arquivo do LEPETE, 2021.